



SAIA DA FRENTE DO MEU SOL:

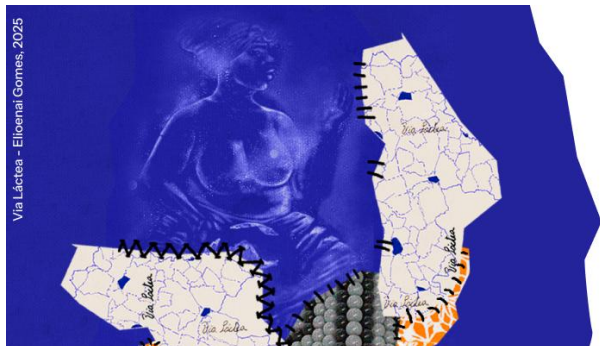
diálogos possíveis entre o cinismo e a bufonaria no fazer teatral contemporâneo

Lucas Carvalho Cordeiro¹ – UFRGS

Existem muitas tentativas de descoberta da origem da bufonaria, assim como existem muitas discussões acerca da origem da teatralidade enquanto fenômeno inerente ao fazer humano. Ambas as manifestações, tanto o fenômeno abrangente da teatralidade como a poética específica da bufonaria, têm sua presença apontada por diversos historiadores como um acontecimento pré-histórico. No caso da figura cômica do bufão, a historiadora e dramaturga alemã Margot Berthold escreve em seu livro *História Mundial do Teatro* (2001) que em todos os lugares e épocas nos quais a humanidade se fez presente “o teatro incorporou tanto a bufonaria grotesca quanto a severidade ritual. Podemos encontrar elementos farsescos nas formas mais primitivas. Danças e pantomimas de animais possuem uma tendência a priori para o grotesco” (Berthold, 2001, p. 4). Sendo assim, torna-se possível a ideia de que mesmo antes de ganhar o nome *bufão*, essa figura já se fazia presente na expressividade humana.

No entanto, mesmo com tantos séculos de existência, a bufonaria ainda constitui um campo pouco explorado nos estudos teóricos e nas experimentações práticas relacionadas ao fazer teatral e artístico, como um todo. Isso pode ser explicado a partir do que escreve Mikhail Bakhtin quando afirma, em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1987), que “o riso popular e suas formas constituem o campo menos estudado da criação popular” (Bakhtin, 1987, p. 3). Outra afirmação que corrobora essa, digamos, marginalização da poética bufonesca é a do escritor e filósofo italiano Umberto Eco,

¹ Inserir, aqui, um minicurrículo do/a autor/a com, no máximo, 50 palavras. *E-mail:* e-mail@gmail.com.
Estrutura da nota: fonte Arial, tamanho 10, espaçamento simples, alinhamento justificado.



quando escreve em seu livro *História da Feiúra* (2007) que não é possível encontrar tratados muito extensos sobre a presença da *feiúra* nas obras artísticas, já que sempre houve uma valorização muito maior do *belo*, na História da Arte (Eco, 2007). E o que seria a poética do bufão senão uma Arte que trabalha o riso popular e a ideia de feiúra? Como valorizar uma poética que se utiliza do *feio*, do *grotesco* e do *risível*?

Em meu Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação em Licenciatura em Teatro, da UFPE, me propus a investigar as contribuições da palhaçaria e da bufonaria para o exercício do estado de jogo em atores iniciantes e, conseqüentemente, a importância dessas técnicas para o fazer teatral. Descobri nessa pesquisa, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que a bufonaria pode contribuir bastante com um fazer teatral prazeroso, libertador, crítico, revolucionário, que valoriza a alteridade e que, paradoxalmente, fomenta a manifestação do afeto e da coletividade. Além disso, descobri nesse trabalho que a bufonaria encontra uma base teórica, filosófica, conceitual e estética nas ideias propagadas pelo cinismo, um movimento filosófico clássico que tem Diógenes de Sinope como seu principal representante. Essa descoberta foi sustentada principalmente pelos escritos do professor de Filosofia do *New York Institute of Technology*, Luis E. Navia, que associa, mais de uma vez, em seu livro “Diógenes, o Cínico” (2009), o comportamento dos filósofos cínicos à palavra *bufonaria* e escreve o seguinte:

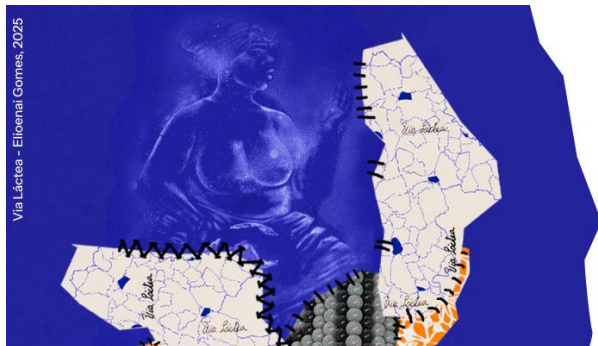
O cinismo clássico, cujo melhor representante é Diógenes, é um fascinante fenômeno filosófico e cultural dos tempos da Grécia e de Roma. Por mais de oitocentos anos, filósofos que se autodenominavam cínicos (em sua linguagem, literalmente, “cães”) pregaram e praticaram um conjunto de convicções e um estilo de vida que desafiou, muitas vezes de modo estupeficante, as normas e convenções da sua sociedade. Do ponto de vista deles, o mundo dos homens estava em um estado de bancarrota moral e vacuidade intelectual que requeria uma desfiguração sistemática de seus valores (Navia, 2009, p. 10).

Um outro elemento da filosofia cínica que converge com a poética da bufonaria é a ideia de *parresia*, que, segundo o filósofo francês Michel Foucault (2011), é o dizer-

verdadeiro, o falar com franqueza, o exercício de dizer a verdade “doa a quem doer”. O próprio Foucault (2011) associa diretamente a ideia de *parresia* ao pensamento cínico. Essa relação entre a ideia de parresia cínica e o discurso do bufão me interessa muito e é um dos principais focos desta pesquisa. Quero entender se o pensamento cínico e o ato de dizer-a-verdade corrobora a prática bufonesca de dizer o que se pensa e de contestar as “certezas” que estruturam as relações de poder. Será que o pensamento cínico pode contribuir com a poética do bufão? Será que o bufão é um parresista? Diógenes de Sinope agiu como um bufão quando disse para Alexandre, o grande: “saia da frente do meu sol”? Alexandre não mandou que matassem Diógenes, o cínico, porque este não merecia ser levado a sério? Essas são perguntas nas quais eu gostaria de me debruçar.

No que diz respeito às minhas referências teóricas, eu pretendo começar a pesquisa me baseando em dois teóricos com os quais eu já tenho certa afinidade e que pesquisaram a técnica da bufonaria na formação de atores: os franceses Jacques Lecoq (2021) e Philippe Gaulier (2016); mas também desejo pesquisar autores/as mais contemporâneos, principalmente brasileiros/as, por exemplo: Joice Aglae Brondani, Cláudia Müller Sachs e Vanessa Benites Bordin. Já em relação à filosofia cínica, eu pretendo me basear principalmente nos escritos de Michel Foucault (2010, 2011) e no livro *Diógenes, o cínico* (2009), de Luis E. Navia; mas pretendo entrar em contato com outros livros, artigos e estudos que discorrem acerca do cinismo, da *parresia* e do pensamento estético, de maneira geral.

Sendo assim, nesta pesquisa de mestrado, eu pretendo aprofundar os conhecimentos que comecei a construir em meu Trabalho de Conclusão de Curso e fazer um cruzamento entre o Teatro e a Filosofia, através das lentes do pensamento cínico; tenho a hipótese de que esse cruzamento pode ajudar a pensar a Pedagogia do Teatro sob um outro viés. Por isso, desejo construir minha dissertação em dois blocos principais: na primeira parte, eu tenho a intenção de fazer um estudo teórico acerca da ligação entre o cinismo e a bufonaria e, na segunda parte do trabalho, pretendo fazer uma análise de três espetáculos contemporâneos de teatro, focando



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

nas ações dos atores em cena e nas dramaturgias dos espetáculos. Quais os diálogos possíveis entre o pensamento cínico e o fazer teatral contemporâneo? Como pode a filosofia cínica dialogar com a Pedagogia do Teatro?

FaEB
FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL

Fonte: O/A autor/a².

IMPORTANTE: todos/as autores/as devem se inscrever individualmente como participantes do evento.

² Para as fontes de figuras, tabelas, quadros etc. cuja elaboração for própria, deve-se acrescentar apenas “Fonte: O autor” ou “Fonte: A autora”. Para as fontes elaboradas por terceiros, será necessário referenciar cada uma de acordo com as normas vigentes de Referências da ABNT (NBR 6023/2018).